

A ALEGORIA DA CAVERNA E SEU MITO HOJE

Lucas Pereira Matos*

Resumo: Com este artigo, pretendemos analisar como o mito da caverna e identifica com a nossa atualidade. Platão em sua obra política *A República* quer nos mostrar que é possível construir uma cidade mais justa. É na polis que encontramos as interações do dia a dia as manifestações políticas e os desafios. Hoje o homem é chamado a ser um analítico de seu tempo e de suas escolhas. Como construir verdadeiramente uma polis na qual os seres possam buscar reflexões e debates filosóficos? O homem é o estruturador da política.

Palavras-chave: Caverna. Platão. Fogo. Ser. Cidade.

Introdução

Neste trabalho veremos como o mito da caverna se atualiza hoje em nossa sociedade. Vivemos em um tempo de conflitos onde as pessoas vivem em cavernas, vivem no mundo da escuridão e da falta de perspectiva. Só o homem maduro é questionador, não se contenta com a mesmice, foge de um tempo medíocre ou sem qualidade de vida.

Platão no seu mito nos fala que o homem curioso é capaz de sair da caverna e observar o mundo cheio de luz que está no lado de fora. Sair da caverna significa superar os esquemas de alienação e de medo de conhecer a verdade. Há um pouco de verdade em cada pessoa. O ser precisa se libertar das amarras mais escuras de sua mente. O homem é chamado a andar por caminhos novos, é chamado a descobrir o diferente, a retirar de sua mente aquilo que o impede de ser feliz. No mundo da caverna somos prisioneiros e medrosos. Quem sai da caverna encontra coragem para continuar a viver.

* Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), E-mail: abbalucasbenedictus@yahoo.com.br.

Na atualidade, as cidades estão repletas de seres que estão no mundo subjetivo do medo e da covardia. São violentadas com os seus próprios fantasmas com os medos da cidade sem perspectiva de mudança. Só nós podemos superar os fantasmas do cotidiano, as nossas cavernas do medo. Vamos sair do comodismo e buscar um tempo ideal e repleto de soluções.

A caverna

Na Alegoria da Caverna de Platão, alguns homens vivem presos ao seu mundo de ideias e ao seu mundo de incertezas. Na alegoria da caverna de hoje, cada ser é chamado a superar os seus medos, a olhar para frente e encontrar um sentido amplo para o seu universo. Como entendera complexidade do pensamento humano? Cada ser é uma livre explicação de si mesmo. O homem é feito de crenças, é feito de sonhos e de pura razão.

Platão ilustra a hierarquia das formas do ser e a conversão ao inteligível: os habitantes de uma gruta, prisioneiros acorrentados desde sempre, de costas para a entrada, percebem no fundo as sombras projetadas pelos objetos levados pelos homens que passam pelo lado de fora, e tomam essas sombras por realidades (BARAQUIN; LAFFITTE, 2007, p. 238).

Porque algumas vezes as pessoas não querem sair da caverna? Platão ilustra bem a falar dos medos que não queremos confrontar. Temos que sair da letargia, temos que conhecer o novo que está no lado de fora, desafiar o nosso inconsciente com a força de nosso olhar e com a nossa razão.

Só podemos melhorar as coisas por meio de nossa curiosidade por meio de nossa ação de seres sociais moradores de uma cidade de uma comunidade. Somos pensantes e também cheios de desejos e de inúmeras realidades. Temos que fugir da escuridão para ver a luz mesmo que doa aos nossos olhos, pois eles conseguem se adaptar depois.

Quando o ser não quer desafiar os seus problemas, não procura desvelar-se, não procura encontrar um sentido. Às vezes alguns homens se prendem em suas

cavernas por que é mais segura e confortável. Eles não querem descobrir o maravilhoso mundo da inteligência que está lá fora esperando por eles. É preciso elevar o espírito para possuir o grau mais elevado de consciência de si mesmo. Cada homem, cada mulher são destinatários da curiosidade, expectadores e agentes no universo da liberdade. Somos entusiastas de nós mesmos, ordenadores de nossas ideias.

Os objetos reais estão para as sombras assim como o mundo das idéias está para o mundo visível. Por isso, a conversão é penosa indo em direção a luz, o prisioneiro ofuscado enche os olhos com ela, mas ao voltar para junto dos seus companheiros da caverna passa por mentiroso ou por um fermento de desordem (BARAQUIN; LAFFITTE, 2007, p. 238).

Somos chamados a descobrir a luz, a sair de nossas trevas, a desafiar aquilo que é difícil aos olhos humanos. A experiência da vida está fora da gruta cavernosa dos medos. Na gruta a história fica restrita; na estrada da luz, idéias são encontradas. O polivalente desafiador retorna a caverna para espalhar a notícia de uma terra repleta de novidades. O místico católico João da Cruz em seu livro *Noite Escura* aborda que devemos enfrentar as nossas noites escuras para enxergar em meio a escuridão do tempo à luz. Em João da Cruz a luz era Deus. Para Platão a luz está no mundo das idéias. Para o hoje o homem é chamado a administrar às suas confusões do dia a dia. O homem é desafiado a pensar. A vida é como uma olimpíada. Você tem que correr para vencer; é necessário movimentar-se para superar a si mesmo. Somos enigmáticos senhores de nós mesmos, e os nossos desafios muitas vezes são dolorosos, mas não impossíveis de mudanças.

Com a alegoria da caverna Sócrates indica para Glauco como é que o filósofo deverá conduzir o seu entendimento e como usar a sabedoria para que os homens possam governar a cidade. A polis é o lugar da interação, lugar do povo, e no livro a *República* Platão faz descrição do projeto de uma cidade ideal. Na cidade dos homens realidades e conflitos são perceptíveis. O prisioneiro que saíra da caverna toma por impulso o retorno àquele lugar apropriado para as interações. O mundo da caverna representa o orbe, ou seja, o mundo dos sentidos e o mundo diurno significa o

inteligível. A caverna é iluminada pelo fogo. Lá fora o sol ilumina e aquece o mundo inteligível. Uma boa cidade administrada é um lugar de bem-estar, um lugar da cidadania, meio social de muitos relacionamentos. A verdadeira política está na dimensão do sensível e do inteligível. Quando estamos aprisionados na caverna somos daquele que conseguiu discernir o mundo por meio da liberdade. Será que nas cidades atuais vivemos em liberdade? Será que existe diálogo entre os seres? Disse Sócrates no diálogo do mito da caverna.

Esqueceste, novamente, meu amigo, que não é intenção do legislador assegurar com privilégios a felicidade de uma única classe, mas esforçar-se para que toda Cidade, em seu conjunto, seja feliz, por isso introduz a harmonia entre os cidadãos por meio da persuasão ou da força, levando-os a compartilhar entre si dos benefícios que cada um está em condição de oferecer à comunidade. E se a comunidade trabalha no sentido de formar cidadãos iguais no estado não o faz com o intuito de deixá-los livres, vivendo a seu bel-prazer, mas de fazê-los trabalhar em conjunto para a coesão do Estado (PLATÃO, 1996, p. 54).

Para Platão três classes desempenham um papel na polis: a classe dos camponeses e artesãos. Eles asseguravam a vida material da polis. Os guardiões a defesa; e os filósofos asseguravam sua direção. Havia aí uma coesão e uma harmonia na polis.

O aspecto da alegoria sobre a qual Sócrates se centra no início é a condição de estranheza e de incompreensão recíproca entre filósofos (educados) e não filósofos (não educados): o não filósofo está habituado a seu mundo (o da caverna) e não quer deixá-lo; quando é levado para fora, devido à dor e fadiga da nova experiência, não encontra nada de gratificante, e deseja voltar para dentro do seu antro (TRABATTONI, 2010, p. 116).

É a partir do filósofo governante, que teremos uma sociedade de coesão e melhor. O filósofo é um idealista em seu tempo. “Por outro como vimos, o principal escopo dessa alegoria é mostrar a diferença de educação entre filósofos e não filósofos” (TRABATTONI, 2010, p. 118).

Na *República* os mitos nos mostram a questão da palavra dita. Platão nos mostra um (status) que é algo superior ao filósofo nos indica que caminho devemos trilhar. Temos que organizar a nossa vida.

Na *República*, é o mito, e, mais precisamente, a mentira nobre, que justifica a unidade da cidade, cuja população está dividida em três grupos funcionais: artífices, guardiões e filósofos governantes. Os três grupos funcionais devem ser persuadidos do fato de que nascem da mesma terra, ainda que sejam feitos de metais diferentes: ouro, prata ou bronze (Cf. BRISSON; PRADEAU, 2010, p. 52).

A cidade hoje

A cidade ainda na atualidade continua a ser o lugar das relações dos homens e mulheres. Não obstante é o lugar dos choques culturais de manifestações políticas diversas; como no âmbito religioso, partidário, estudantil, econômico e familiar. Na Idade Média as cidades eram protegidas por muralhas uma defesa contra os inimigos exteriores. Havia um portal que era ladeado de seguranças, pois o pórtico era o lugar de entrada de inúmeras pessoas. Era como se fosse um pedágio. Cada cidade tinha a sua cultura e língua própria. Lá os seus cidadãos se relacionavam, procurando sobreviver por meio de um sistema feudal.

Hoje grande parte de nossas cidades são grandes e o povo tem que enfrentar o inimigo local ou interior. A violência parte dos próprios seres que a povoam. Não existe mais o muro, cada pessoa vive aprisionada em seus medos e em suas casas que metaforicamente podem ser identificadas com uma caverna. A liberdade não é exercida plenamente, pois os seres vivem em constância vigilância de si mesmos e de seus queridos. Muitas realidades são conflitantes por causa das misérias, preconceitos, exclusões e problemas econômicos. As cidades são vistas como lugares também de muitas oportunidades de encontros culturais nas universidades, fraternidades, órgãos públicos, teatros, praças, movimentos juvenis e nas diversas religiões. A vida tem que ser vivida em todos os momentos, então a cidade é cosmopolita, universo de etnias e de novas identidades e uniões.

Cada pessoa vive um dilema social. Será que a maioria dos seres estão presos em suas mentes? Será que eles não querem ver na polis o lugar para os debates comunitários? Como pessoas críticas, devemos mostrar aos outros o verdadeiro lugar de seu poder político na sociedade nas lutas em prol da vida e da verdadeira liberdade, construída no valor moral e na certeza do *ethos*, casa de todos nós lugar privilegiado de debates na constante sala tertulial dos que são filósofos e analíticos de suas décadas. Não vamos ficar presos em nós mesmos, vamos sair pelo mundo e pelo tempo e mostrar aos outros os seus respectivos lugares na atualidade na secular ligação intelectual e racional. O homem tem que se observar imerso em um meio de diversidade cultural e sapiencial. A nossa opinião (*doxa*) cria uma interação com outros pensadores ou mesmo com o povo em geral. Somos baluartes do saber, protagonistas em meio a sociedade, vanguardistas no agora! A cidade é o lugar da política, o lugar das certezas e desafios.

O mito da caverna nos abre os olhos sobre o que, na história da parte da humanidade que recebeu a influência ocidental, constitui agora e constituirá ainda no futuro o acontecimento propriamente histórico. De acordo com a definição de verdade como exatidão da representação, o homem pensa tudo o que é segundo as idéias e aprecia toda realidade segundo os valores. O que de fato importa, o que é realmente decisivo, não é saber quais idéias e quais valores são estabelecidos e aceitos, mas antes, que, de um modo geral, o real é interpretado segundo idéias, e que o mundo é avaliado segundo valores (HEIDEGGER *apud* PLATÃO, 1996, p. 102).

O homem possui o espírito de liberdade e só cabe a ele discernir aquilo que é importante para a sua vida. A cidade é o lugar da coletividade, lugar especial para os diálogos. No passado a *ágora* era o lugar das conversas e das interações e hoje em todos os ambientes citadinos o ser é chamado a dialogar a fazer preleções a procurar à sua felicidade. Na idéia socrática a felicidade é vivida por todos os cidadãos. Hoje somos os novos cidadãos do infinito e em cada um reside a certeza da superação dos problemas em prol à sua subjetividade e intelecção. O ser é fazedor de opinião e um crítico de si mesmo e de suas realidades. Dentro da real capacidade do homem encontramos a razão, e é a partir dela que a pessoa busca a sua liberdade e autonomia

respeitando o direito do próximo. É no próximo que veremos as situações e as genialidades do dia a dia, é lá que a hermenêutica vai se interagir, pois só os homens virtuosos podem construir uma cidade para todos. Esta felicidade não é para o eu sozinho, mas para os possuidores da liberdade. Temos que superar as dificuldades e os egoísmos do meio para que possamos construir uma polis mais justa e com responsabilidade!

Cada pessoa vai constituir o seu lugar a sua morada seguido leis e usando a verdade como protótipo de nossa ação de bem viver. A ética de uma cidade não pode ficar concentrada em pequenos grupos, mas que se espalhe para todos. O ser moral vive de regras estabelecidas por meio de suas instituições participativas, amiúde o senso ético pertence a todos. Não podemos parar de pensar, pois a palavra viva tem que nos levar a uma máxima e tal expressão seja feita de significados de amor, docilidade, compreensão e de fraternidade e sororidade. A cidade continua, mas os seres passam para dar sentido às novas gerações, mas o que fomos servirá como legado e memória perpétua. O homem é curioso e dentro de sua antropologia deseja estudar a si mesmo e o comportamento de sua sociedade e de outras sociedades. Cada cidade possui as suas características. Quando vamos a uma outra cidade temos que adaptar o nosso sentido para os desafios daquele lugar. Temos que ser cosmopolitas, entendedores de várias culturas e histórias. Somos seres de uma de uma tradição e de valores estabelecidos, pois crescemos em uma sociedade com relações tradicionais já estabelecidas.

Cada pensante tem que possuir o pleno senso de liberdade. O que tem que imperar na sociedade cosmogônica é a certeza de respeito pela capacidade do outro. O outro é chamado a se ético todos os dias. O egoísmo de muitos acaba retirando da criatura sapiencial o poder de alcançar outros graus de crescimento e liberdade. O senso crítico tem que ser uma das bases de nossa sociedade, pois é necessário que façamos uma revolução política em prol da livre pessoa. O manifesto do agora tem o poder de libertar os homens do egoísmo, tão perceptível neste mundo capitalista, tão encontrado nos meios culturais. Quanto mais tenho é necessário derrubar o meu oponente que também é intelectual ou me incomoda pelo que tem. A liberdade é

como uma metáfora: tenho que respeitar o quintal do próximo, não posso invadir o seu espaço a sua liberdade geográfica e psicológica. Vivemos em um tempo de violência moral e de falta de amor pelo próximo.

Na cidade-modelo, para que a política seja subordinada à filosofia, não é preciso que a filosofia fique, ao contrário, à margem da política e que, por exemplo, o filósofo permaneça alheio e incompreendido entre os seus concidadãos (como ocorreu com Sócrates) (PLATÃO, 1996, p. 54).

O objetivo da existência filosófica é de fazer do ser um atuante idealizador e despertar nele uma recordação de seus conhecimentos. Está na alma de cada um a idéia de descobrir as suas potencialidades. Não temos que ser prisioneiros da caverna, pois o medo nos impede de continuar a lutar por aquilo que nos interessa. Fugir da alegoria é despertar à mente para o relógio do tempo que anela por fazer um amplo movimento de nossas vidas. O que nos faz virtuosos está na certeza de uma liberdade política, filosófica, sapiencial e intelectual. A interação do bem nos faz fazedores de novas iniciativas no mundo chamado de cidade, no mundo que é pessoal e coletivo. O filósofo vai além e deseja construir ou inaugurar um novo tempo, pois ele analisa aquilo que está diante de seus olhos diante de sua alma. O filósofo visa o bem de quem acredita no mundo da inteligência, ele não foge de si e da realidade. Ele quer administrar com eficácia a sociedade que precisa ter homens justos, homens fiéis ao agora. A alma tem que perceber a perfeita compreensão da justiça, do belo e de cada idéia para entender que tudo isso está interligado, ou seja, o que une uma coisa as outras. O bem é o princípio da sabedoria.

O filósofo tem o poder de influenciar a vida política a religião e os tempos modernos. O filósofo tem que dirigir a cidade, pois ele tem o ideal de fazer o bem para todos os cidadãos. Uma cidade justa cheia de cidadãos justos preocupados com a moral de seu lugar de sua própria história. O mundo sensível é o mundo que os homens habitam e o inteligível é o das idéias - realidade e verdade, ou seja, uma

episteme. A pessoa tem que se conhecer para bem governar aquilo que está ao seu derredor.

Chegamos à cidadezinha de Colditz no início de uma tarde. No momento mesmo em que saímos da estação, vimos a nossa futura prisão assomando sobre a cidade. Era uma visão bonita, serena, majestosa, mas ao mesmo tempo assustadora o bastante para que os nossos corações se encolhessem. Dominava toda a paisagem, um magnífico castelo construído na beira de um penhasco. Era o verdadeiro castelo dos contos de fadas dos livros infantis. Que monstros não deveriam viver lá dentro! Pensei nas masmorras em todas as histórias que me haviam contado de prisioneiros acorrentados, definhando lentamente, de ratos e torturas, de crueldades e abominações indescritíveis (REID, 1952, p. 64-65).

O preocupante de hoje é porque vivemos em uma sociedade capitalista. A pessoa é vista como uma coisa um objeto que deve ser só explorando, força de trabalho sem valor. Os seres estão sendo desrespeitados, por alguns membros da sociedade só querem ter e ter, enquanto muitos não têm nada, vivendo de comer o resto daqueles que exploram o menor. O nosso problema é ético, pois falta a honestidade, pois os princípios de liberdade ganharam uma conotação contrária. Falta o respeito, a dignidade e a oportunidade de fazer o outro um ser de possíveis mudanças. As pessoas só querem visar aos seus interesses, deixando de lado o bem comum. Vivemos em uma comunidade cheia de máscaras, de cidades emblemáticas que carregam problemas gritantes, pois os governos escondem as suas reais dificuldades e transtornos.

A política foi inventada como o modo pelo qual os humanos regulam e ordenam seus interesses conflitantes, seus direitos e obrigações enquanto seres sociais [...] como o modo pelo qual a sociedade, inteiramente dividida, discute, delibera e decide em comum para aprovar ou rejeitar as ações que dizem respeito a todos os seus membros (PADILHA, 2001, p. 19-20).

Então, temos o dever político de lutar pelo bem comum de todos, de defender os interesses da sociedade em geral, de promover o direito e a justiça. A nossa vontade subjetiva não deve ser a máxima, mas um preceito que seja feito para todos.

Grosso modo, a democracia, se a tomamos como forma política, só pode de fato existir na medida em que haja, no nível dos indivíduos, das famílias, do cotidiano, se você quiser, relações de governo, um certo tipo de relações de poder que se produzem. [...]. Quero dizer que não podemos localizá-las, simplesmente, nos aparelhos de estado ou fazê-las derivarem-se inteiramente do Estado, que a questão é muito mais ampla (FOUCAULT, 2010, p. 376).

Portanto, temos que construir uma polis de seres que lutam por todos. É como se fosse parafrasear a famosa frase: um por todos e todos por um. Vamos cultivar em nós valores éticos, vamos lutar por uma cidade a qual os muros dos preconceitos e medos devem estar caídos e aniquilados. A participação de todos consegue modificar muitas realidades.

Conclusão

Portanto, é necessário que vençamos os medos, que façamos uma sociedade melhor; pois o homem só pode ser feliz buscando mudar o seu meio social. Fugir da caverna é ser forte, é caminhar em direção as certezas de um novo momento, a categorias de liberdade e de mudança de mentalidade. Somos convidados a sair da cidade adormecida e a fazer de tal cidade um lugar melhor onde todos se comunicam mutuamente e com plena eficácia.

Somos senhores de nós mesmos, protagonistas de nossos sonhos e também de nossas dificuldades. Não somos heróis, mas anunciadores de um tempo de liberdade e respeito. Muitas vezes rimos de quem luta por uma cidade melhor. Achamos aquilo ridículo, mas as metas não podem ser destruídas, pois o ser é chamado a superar as ignorâncias para ver a estrada iluminada do agora.

Fugir da caverna é buscar possuir forças, é mostrar ser uma pessoa capaz de modificar a sua história e a história dos outros. Na vida precisamos crescer e lutar por uma polis melhor.

Referências

BARAQUIN, Noëla; LAFFITTE, Jacqueline. **Dicionário universitário dos filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRISSON, Luc; PRADEAU, Jean-François. **Vocabulário de Platão**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Repensar a política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico**. São Paulo: Cortez, 2001.

PLATÃO. **A república, livro VII**. Brasília: UnB, 1996.

REID, Pat. **A história de Colditz**. Rio de Janeiro: Record, 1952.

TRABATTONI, Franco. **Platão**. São Paulo: Annablume, 2010.

